

**O PAPEL DO PSICANALISTA NOS CONFLITOS EMOCIONAIS
DA ADOLESCÊNCIA**

BACHARELADO EM PSICOLOGIA

JOÉLIA LIMA SANTOS, RA 27523

JOYCE DA SILVA BATISTA, RA 26886

**O PAPEL DO PSICANALISTA NOS CONFLITOS EMOCIONAIS
DA ADOLESCÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Centro Universitário de
Campo Limpo Paulista, como requisito para
Bacharel em Psicologia.

Orientador: Matheus Vinicius de Oliveira,
CRP 06/150428

CAMPO LIMPO PAULISTA

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a professora Andreia Quintelia pelo suporte e apoio em todos esses anos; ao professor e orientador Matheus Vinicius pela dedicação; ao eu esposo Juarez Dias e meu filho Samuel Thomas Lima Dias pelo apoio ao longo desta jornada.

Joelia Lima Santos

Agradeço a professora Andreia Rafael de Lima Quintelia pelo suporte e em todos esses anos.

Joyce da Silva Batista

RESUMO

O momento que o adolescente deixa de ser criança é uma fase cheia de confusões, pois muitos desses começam a se envolver com adolescentes mais velhos e começam a querer imitá-los. Além disso, diversos eventos começam a acontecer em suas vidas, seus corpos começam a mudar, a fase de relacionamento amoroso e sexual se inicia nesse período, inclusive, para alguns, ocorre o ingresso na vida profissional, através de estágios ou trabalhos que possuem previsão legal para adolescentes. Diante de outro viés, esta transição pode acarretar conflitos familiares, pois os pais não sabem lidar com mudanças repentinas, motivo pelo qual faz com que os adolescentes se afastem de seus pais, pois se acham incompreendidos. Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar o papel do psicanalista nos conflitos emocionais na adolescência.

Palavras-chave: Adolescente. Psicanálise. Conflitos emocionais.

ABSTRACT

The moment when the teenager stops being a child is a time full of confusion, as many of these start to get involved with older teenagers and start wanting to imitate them. In addition, several events begin to happen in their lives, their bodies begin to change, the stage of love and sexual relationships begins during this period, including, for some, they enter professional life, through internships or jobs that have provision cool for teenagers. Faced with another bias, this transition can lead to family conflicts, as parents do not know how to deal with sudden changes, which is why adolescents distance themselves from their parents, as they feel they are misunderstood. Given the above, this work aims to demonstrate the role of the psychoanalyst in emotional conflicts in adolescence.

Keywords: Adolescent. Psychoanalysis. Emotional conflicts.

Sumário	
INTRODUÇÃO.....	6
OBJETIVOS GERAIS	8
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
JUSTIFICATIVA.....	9
PESSOAL	9
SOCIAL.....	9
ACADÊMICA.....	10
CIENTÍFICA.....	10
CAPITULO I– MODALIDADES DE ATENDIMENTOS NA CLÍNICA PSICANALÍTICA COM ADOLESCENTES.	11
I.I. A psicoterapia individual.....	11
I.II. Psicoterapia em grupo	12
I.III. Psicoterapia familiar	13
CAPITULO II- INTERVENÇÕES NA PSICANÁLISE COM ADOLESCENTES. 15	
II.I. Método de associação livre	15
II.II. Atenção flutuante	16
I.III. Ludoterapia	16
I.IV. Transferência e contratransferência.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de intensas transformações na vida do sujeito, nela emergem muitas tribulações, devido à passagem de um período, até então aparentemente calmo, para uma nova etapa turbulenta, composta por muitas transformações tanto físicas quanto emocionais. É um período de transição, no qual o adolescente não é mais criança, e também não é adulto.

Segundo Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência pode ser definida como uma fase evolutiva, durante a qual o indivíduo estabelece sua identidade adulta, ou seja, é uma fase do crescimento humano que se caracteriza pela definição da identidade, é o período que se estende dos 10 aos 19 anos de idade. Em contrapartida, o Estatuto da Criança e do Adolescente define a adolescência como o período correspondente entre os 12 aos 18 anos.

Diante de tantas mudanças, podemos destacar as físicas, psicológicas e sociais, sendo que esta etapa marca a transição entre a infância para a idade adulta. Durante esse período, o corpo muda e as ideias também e sendo assim, é esperado que aconteçam conflitos internos e externos.

Os conflitos emocionais nesta fase estão ligados por sentimentos de inadequação e de solidão, baixa autoestima, estresse, vergonha do corpo e a principal fonte de confusão emocional está associada a construção da identidade, logo essa construção se desenvolve de maneira individual e social.

O apoio familiar é imprescindível na nesta fase de trânsito, devendo criar mecanismos para que faça com que o adolescente se sinta seguro e amparado para ingressar em novos conhecimentos de sua vida, como exemplo, orientar sobre os cuidados para uma vida sexual segura. Entretanto,

este auxílio não pode ser confundido com ausência de limites, pois estes são importantes para o ingresso na vida adulta.

Para o autor Stanley Hall (1904), a adolescência passa a ocupar um lugar enquanto objeto de estudo, principalmente da Psicologia, caracterizada como um período de "tempestade e tormenta", observando que na adolescência o indivíduo tinha um aumento de sensibilidade, um fortalecimento das capacidades, tornando-se consciente dos valores que moldaria, a adolescência seria um período vital na promoção do esquema evolutivo da natureza para a humanidade.

Contraopondo-se a concepção de Stanley Hall de que a sexualidade emergia apenas no período da adolescência, Anna Freud (apud Gallantini, 1978) argumenta que a sexualidade inicia no primeiro ano de vida e que é durante o período da infância que acontecem os passos principais do desenvolvimento sexual. Porém, mesmo divergindo com relação ao período inicial da sexualidade, Anna Freud se assemelha a Hall quando caracteriza a puberdade como um momento de contradições e instabilidades emocionais. Segundo a autora, seria muito difícil reconhecer o limite entre o normal e o patológico, considerando como "anormal" a presença de um equilíbrio estável na adolescência (Knobel, 1992).

Calligaris (2000) destaca a adolescência como moratória, que seria o adiamento do prazo estipulado pelo pagamento de uma dívida, ou seja, o adiamento do prazo de torna-se adulto. Podemos entender diante de tal conceito que se trata de uma fase de preparação à vida adulta, ou seja, os pais "investem" nos filhos e os amparam até a vida adulta, para que tenham um retorno futuro, isto é, que seus filhos os ajudem financeiramente nas despesas domiciliares ou que possuam autonomia, independência financeira e sucesso profissional e pessoal.

Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham e batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles

precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. Um mito, inventado no começo do século XX, que vingou sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial.

Quando se lida com adolescentes, a linha entre o aceitável e o desagradável é muito tênue, o processo de psicoterapia é necessária para lidar com esses turbilhões de emoções e o envolvimento familiar, direta ou indiretamente no processo de terapia é fundamental para um bom desenvolvimento do processo de modo que possa favorecer a autonomia e saúde dos jovens.

OBJETIVOS GERAIS

A adolescência é um período de transição, onde se deixa de ser criança e se prepara para a vida adulta. Entretanto, cabe ressaltar que apesar do adolescente estar se preparando para a vida adulta, este não possui o desenvolvimento mental e físico completo, por isso, é exigido alguns cuidados para que não seja afetado seu desenvolvimento.

Sendo assim, este trabalho tem como escopo realizar uma revisão na literatura científica nacional no que diz respeito ao papel do Psicanalista frente aos conflitos emocionais da adolescência.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

No que tange aos objetivos específicos, vamos realizar uma revisão na literatura científica nacional no que diz respeito as principais intervenções realizadas na abordagem psicanalítica frente aos conflitos emocionais vivenciados durante o processo da adolescência

JUSTIFICATIVA

A representação do adolescente como aquele que apresenta comportamentos instáveis, com frequentes crises de identidade, apresentando conflitos intensos em relação consigo e com o social, está difundida em grande parte aos “Conflitos Emocionais da Adolescência”, muitas vezes mal interpretado por seus pais e pela sociedade que o cerca (rebelde), frente a essa problemática que surge o interesse pelo tema, nós como estudante de Psicologia queremos mostrar que por traz de todo esse desenvolvimento há um ser humano que precisa ser ouvido, compreendido e orientado para que essa transição da adolescência para fase adulta seja estabelecida da melhor maneira possível.

PESSOAL

O que nos motivou a abordar o assunto é saber que o acompanhamento Psicológico para Adolescentes irá ajudar o adolescente a se organizar em meio a todas essas mudanças que acontecem, além de auxiliar a controlar seus sentimentos, não se tornando reféns deles, podendo cuidar de todos os conflitos que surgem relacionados a si mesmo.

SOCIAL

A inserção do Psicólogo na sociedade para adolescentes é fundamental para estudar a relação do indivíduo com a sociedade, onde nós, como psicanalistas, vamos observar o comportamento do adolescente quando estão cercados de pessoas, pois o nosso comportamento individual e em sociedade, muitas vezes pode ser diferente e passamos a ter um papel fundamental dentro da sociedade, pois sabemos que nos dias atuais, muitos adolescentes na nossa sociedade, não têm fácil acesso ao acompanhamento Psicológico.

ACADÊMICA

Esse trabalho tem importância na literatura acadêmica por ser um tema e assunto pouco visado, e raramente é visto, e queremos trazer ao leitor, a relevância que tem um adolescente com seus conflitos emocionais e a atuação da psicanálise diante desse contexto.

CIENTÍFICA

A Psicologia teve grandes avanços para compreensão das relações humanas e esse trabalho vai contribuir para esse avanço que já vem acontecendo, sem que o assunto abordado pela adolescência caia no esquecimento e lembrando sempre a importância do Psicólogo nessa atuação e esperamos que esse trabalho contribua de forma positiva no olhar do leitor e que toda experiência possa ser parte dessa realidade.

CAPITULO I – MODALIDADES DE ATENDIMENTOS NA CLÍNICA PSICANALÍTICA COM ADOLESCENTES.

A clínica psicanalítica busca compreender o fenômeno da adolescência, pois enquanto os pais estão preocupados com o comportamento e desempenho escolar dos adolescentes, o psicanalista demonstra interesse pelo fator emocional (Verceze, Sei e Braga 2013) e a necessidade de intervenções psicológicas se faz necessário em alguns casos, para que o jovem consiga lidar com o sofrimento psíquico. Diante de diversas estratégias terapêuticas, é interessante verificar uma que se adeque para cada perfil do adolescente.

Dentre algumas modalidades de atendimento na clínica psicanalítica, podemos destacar:

I.I. A psicoterapia individual

A psicoterapia individual se desenvolveu de forma clara e precisa e tem se mostrado de grande valia para acolher o sofrimento psíquico do adolescente, e é um método baseado na fala e que busca elementos inconscientes e auxilia na tomada de consciência, fazendo com que as pessoas tenham maior conhecimento sobre elas mesmas e tenham poder sobre suas próprias vidas e escolhas.

Através da psicoterapia individual, é possível entender pensamentos reprimidos, desejos, emoções, sentimentos e condutas. Em relação à psicoterapia Individual, a primeira modalidade que se praticou foi a hipnose. Freud começou hipnotizando suas pacientes, e foi precisamente por sua insatisfação com aquele método que criou a psicanálise. A diferença fundamental entre a hipnose e o que Freud fazia consiste em que, na primeira,

o hipnotizador opera por meio da sugestão, dizendo ao paciente o que deve fazer para se liberar dos sintomas que o incomodam e já na psicanálise, o uso da sugestão é desaconselhado e justamente por isso, o dispositivo analítico visa a chegar até o conflito emocional pelos meios conhecidos como livre-associação, interpretação etc. Para proteger o paciente e o analista dos riscos da sugestão, Freud recomendava as atitudes que conhecemos como neutralidade e abstinência que são marcas registradas da psicanálise até hoje (Renato Mezan Psicanálise e psicoterapias. Estudos Avançados [online]. 1996, v. 10).

A psicoterapia individual de adolescentes é um acompanhamento essencial para a formação do adolescente, fazendo que este saiba lidar com seus conflitos, entre eles, questões relacionadas à autoestima, com a finalidade de que o adolescente aceite sua aparência sem que se sinta inferior aos demais pelo fato de algum dos seus traços não ser exatamente como esperava.

Além disso, a psicoterapia em adolescentes visa evitar que esses conflitos individuais acarretem doenças futuras, como exemplo, fobia, ansiedade, depressão e entre outros.

I.II. Psicoterapia em grupo

É menos precisa do ponto de vista da psicoterapia individual e Burrow foi um dos pioneiros a adotá-la em consultório particular em meados da década de 20 e ela pode promover autoconhecimento, compreensão e alívio emocional, se propondo a entender o grupo em sua totalidade e respeitando sua individualidade.

Após a segunda guerra mundial, ocorreu uma grande mudança social quanto à procura de um profissional em decorrência de problemas emocionais. Até a década de 30, se fosse necessário procurar alguém com esta finalidade, a escolha recaía preferencialmente no padre, pastor ou rabino

e não no "alienista" (psiquiatra) ou no psicanalista. Ir a um profissional de saúde mental era considerado confissão de fracasso pessoal, vergonha para a família e um estigma. Entretanto, os traumas decorrentes da guerra, tanto em civis quanto em militares, mudaram esse conceito. Passou a haver maior demanda de assistência psicológica em um universo com escasso número de psicoterapeutas. Em consequência, houve grande impulso à psicoterapia de grupo que passou a ser considerada como importante recurso terapêutico, e dezenas de trabalhos foram desenvolvidos e publicados, relatando o resultado dentro deste contexto histórico de crise (Bechelli, Luiz Paulo de C. e Santos, Manoel Antônio dos Psicoterapia de grupo).

Diferentemente da psicoterapia individual, na qual o adolescente faz um acompanhamento pessoal com o psicólogo, na psicoterapia em grupo o modelo de acompanhamento é coletivo. Para visualizar a situação fática, podemos dar como exemplo o grupo de apoio, onde as pessoas demonstram aos demais integrantes do grupo suas experiências, com o objetivo de um servir de alicerce ao outro. Assim ocorre na psicoterapia coletiva para adolescentes, visando resolver seus conflitos individuais com apoio psicológico e de pessoas que possuem situações similares.

I.III. Psicoterapia familiar

A psicoterapia familiar tem como função, a promoção da saúde emocional dos seus componentes e surge como uma ampliação da psicanálise individual na década de XL. Bowen, um eminente psiquiatra especializado no atendimento ao paciente esquizofrênico na década de XL, foi o primeiro a se interessar pela relação entre mães e filhos abordando a questão da simbiose e trazendo uma importante contribuição com o conceito de diferenciação do self.

Winnicott, em sua teoria sobre o desenvolvimento emocional, leva em conta a importância da família e do ambiente para que o sujeito possa se desenvolver de maneira saudável (WINNICOTT, 1947/2000; SEI, 2011).

Durante o processo terapêutico, seja ele individual ou grupal, os fenômenos transferenciais e contratransferências são dinâmicos e vão se modificando ao longo dos atendimentos (ZIMERMAN, 2000). A transferência na situação de grupo é cruzada, pois envolve um entrelaçamento constante de experiências de significado.

CAPITULO II- INTERVENÇÕES NA PSICANÁLISE COM ADOLESCENTES.

Um aspecto que marca bastante a fase da adolescência é o “Complexo de Édipo “uma vez que o desenvolvimento humano está atravessado por aspectos relacionados ao nascimento, à separação (como individualizante), à triangulação edípica, à latência, à eleição de objeto e à adolescência. Constata-se que a vivência edípica trará importantes transformações ao narcisismo, ou seja, a experiência edípica produz efeitos relevantes no eu (Hornstein, 1989).

As estratégias para a psicoterapia e o manejo do terapeuta pode contribuir neste processo, considerando o exercício da escuta, algo essencial e as diferentes técnicas buscam amenizar o sofrimento psíquico, bem como jogos (túnel do tempo, jogos de tabuleiro etc.), técnicas de relaxamento e desenhos.

Sei, Oliveira e Braga (2014) desenvolveram um estudo no qual propõem a técnica "Jogo da Escrita", inspirada no procedimento de "Desenho-Estória", de Trinca, e no "Jogo do Rabisco", de Winnicott. Esse recurso, desenvolvido para uso na psicoterapia de adolescentes, favoreceu o estabelecimento do vínculo terapêutico e o manejo das resistências dos jovens no contexto terapêutico. Tais propostas se apresentam, como elementos facilitadores do desenvolvimento do processo psicoterapêutico.

II.I. Método de associação livre

O paciente deve exprimir todos os seus pensamentos, ideias, imagens e emoções tais como se apresentam a ele, sem seleção e restrição, pensamentos espontâneos;

Intitulada pelo próprio Freud como a regra fundamental da psicanálise, Freud desenvolveu a técnica da associação livre gradualmente a partir da hipnose e do método catártico. O conhecimento desses métodos torna possível uma maior compreensão a respeito do desenvolvimento da regra fundamental. Esse aprimoramento na técnica psicanalítica possibilitou o acesso do material recalcado para a consciência e revelou ao paciente a natureza de seu inconsciente.

II.II. Atenção flutuante

A atenção flutuante refere-se ao estado de consciência que o terapeuta necessita para poder de ouvir o paciente e entender sua história, ou seja, fazer uma análise sobre o que realmente tem pertinência para a solução do problema, por isso, o psicanalista que usar outras técnicas além de ouvir o paciente.

I.III. Ludoterapia

A ludoterapia é uma técnica essencial para o acompanhamento de crianças. A palavra ludoterapia tem origem latina, ludo significa jogo, foi descoberta por Freud, que atribuiu o significado simbólico, após a análise de um garoto de dezoito anos, enquanto este brincava.

Portanto, a ludoterapia é um meio que o psicólogo consegue entender os conflitos através de outros meios que não seja exclusivamente a escuta, podendo ser mediante jogos, desenhos e brincadeiras.

Na ludoterapia os psicólogos utilizam uma ferramenta chamada mala ludo, que possui alguns objetos para auxiliar o entendimento dos conflitos infantis. Podemos destacar alguns desses objetos, como bonecos representativos das famílias (muito utilizado para identificar abusos físicos, sexuais e psicológicos), telefone, penico, peças que encaixam e entre outras.

Sendo assim, tal técnica, além de preservar a brincadeira que é essencial para o desenvolvimento da criança, possibilita que sejam relatados ao profissional os casos reais no meio do faz de conta.

I.IV. Transferência e contratransferência

A transferência e contratransferência são dois termos fundamentais da psicanálise e servem como pilar para a prática clínica, vejamos o posicionamento literário inerente ao tema:

“Em psicanálise, a transferência é “um processo constitutivo do tratamento psicanalítico mediante o qual os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 766-767).

Sob a ótica de Freud:

“A transferência é um conjunto de sentimentos positivos ou negativos que o paciente dirige ao psicanalista, sentimentos estes que não são justificáveis em sua atitude profissional, mas que estão fundamentados nas experiências que o paciente teve em sua vida com seus pais ou criadores. Portanto, a característica da transferência é repetir padrões infantis num processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam na pessoa do analista” (FREUD, 1916/1976).

Em relação à contratransferência:

“A contratransferência, na psicanálise freudiana, é compreendida como o “conjunto das reações inconscientes do analista à pessoa do analisando e, mais particularmente, à transferência deste” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 102). “Seria um obstáculo à análise que deveria ser neutralizado e superado. É importante observar que Freud utilizou o termo “contratransferência” apenas três vezes ao longo dos 23 volumes de suas obras completas, o que demonstra a concepção negativa que ele tinha acerca deste

fenômeno” (FREUD, 1910/1970; FREUD, 1915, 1969; SANCHES, 1994).

Percebemos então que a transferência se trata de comportamentos negativos praticados pelo adulto em sua vida pessoal ou profissional, sendo tais comportamentos reflexos e repetições de atitudes que ocorreram em sua infância.

Por outro lado, a contratransferência se trata de reações que ficam no inconsciente do psicanalista perante a pessoa que está sendo analisada e particularmente transfere tal posicionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil é signatário de tratados de Direitos Humanos, fazemos parte do Tratado da Convenção dos Direitos da Criança. No referido documento internacional de Direitos Humanos não existe distinção entre criança e adolescente, sendo consideradas crianças àqueles menores de dezoito anos. No ordenamento jurídico Brasileiro os direitos da criança e do adolescente são regulamentado pela Constituição Federal e pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), sendo que o ECA define que criança são aqueles de zero a doze anos, e os adolescentes são aqueles de doze a dezoito anos.

Por muitos anos as crianças eram vistas como “adultos em miniaturas”, ou seja, possuíam os mesmos deveres que os adultos, pois o que mudava entre esses era o tamanho e a experiência de vida. As crianças mantinham relações sexuais ativa com adultos, pois eram considerados fonte de prazer para os mais velhos. Rosseau inova ao ter uma nova visão sobre as crianças, este diz “que a natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens”.

Nesse mesmo contexto, Freud vê a criança como prioridade absoluta e futuro da nação, por isso, para contextualizar tal entendimento Freud diz “sua majestade o bebê”. Entretanto, tal visão freudiana é vista nos dias atuais como um narcisismo infantil, ou seja, voltado às crianças que não sabem lidar com negativas.

Além disso, conforme discorreremos no decurso deste trabalho, a adolescência é uma fase de transição, ou seja, deixa de ser criança e está se preparando para se tornar adulto. Acerca disso, podemos dizer que a maioria dos adolescentes se sente incompreendidos pelos pais que não sabem lidar com a mudança repentina de comportamento.

Outro fator que pesa neste período é que os próprios adolescentes não sabem quem são, estão descobrindo sua vida sexual e orientação sexual, eles gostam de experimentar coisas novas nessa fase, pois isso os faz se sentir mais velhos e mais “descolado” perante a sociedade.

Sendo assim, podemos concluir que a psicanálise tem papel indispensável na formação do adolescente, bem como de seus familiares que coabitam no mesmo imóvel, pois além de os adolescentes terem apoio técnico para lidar com seus conflitos, os familiares irão conseguir dar um suporte adequado, tornando esta fase de transição menos confusa para o adolescente, bem como irão demonstrar para os filhos que estão amparados e acolhidos, sem que isso interfira na imposição de limites.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Knobel, M; Perestrello M; Uchôa D.(1980).A adolescência e a Família Atual – Visão Psicanalítica. Rio de Janeiro-Atheneu.

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

Erickson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.

A literatura que eu indico é *Adolescência as contradições da idade*-Luiza Elena e Maria José – Editora Wak – 2 edição.

Smith, J., Berthelsen, D., & O'Connor, I. (1997). Child adjustment in high conflict homes. *Child: care, health and development*, 23, 113-133.

Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo, SP: PubliFolha.

GALLATIN, J.E. *Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da Psicologia da adolescência*. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda, 1978.

Mezan, Renato *Psicanálise e psicoterapias*. *Estudos Avançados* [online]. 1996, v. 10, n. 27 [Acessado 12 Outubro 2021], pp. 95-108. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141996000200005>>. Epub 07 Jun 2005. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141996000200005>.

Bechelli, Luiz Paulo de C. e Santos, Manoel Antônio dos *Psicoterapia de grupo: como surgiu e evoluiu*. *Revista Latino-Americana de Enfermagem* [online]. 2004, v. 12, n. 2 [Acessado 12 Outubro 2021], pp. 242-249. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-11692004000200014>>. Epub 19 Maio 2004. ISSN 1518-8345. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692004000200014>.

WINNICOTT, D. W. (1947) O ódio na contratransferência. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*.

Sei, M. B., Oliveira, D. C., & Braga, C. M. L. (2014). O jogo da escrita e a construção de estratégias para o atendimento psicanalítico de adolescentes. *Encontro: revista de psicologia*, 17(2), 1-16.

Kupermann, D. (2007). Sobre o final da análise com crianças e adolescentes. *Estilos da Clínica*, 12(23), 182-197.